

SABERES DE MULHERES ACERCA DOS TRATAMENTOS DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

JARBAS DA SILVA ZIANI¹; CAROLINA HELEONORA PILGER²; NATALIA DA SILVA GOMES³; LETÍCIA BARBOSA DIAS⁴; THAYNÁ DA FONSECA AGUIRRE⁵; LISIE ALENDE PRATES⁶

¹Universidade Federal do Pampa – jarbasziani.aluno@unipampa.edu.br

² Universidade Federal de Santa Maria – carolinapilger@gmail.com

³Universidade do Vale do Rio dos Sinos - nataliasilvag_@hotmail.com

⁴Universidade Federal do Pampa – leticiadias.aluno@unipampa.edu.br

⁵Universidade Federal do Pampa – thaynaaguirre.aluno@unipampa.edu.br

⁶Universidade Federal do Pampa – lisieprates@unipampa.edu.br

1. INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) consistem em contaminações decorrentes de vírus, bactérias ou microorganismos, as quais podem ser transmitidas nas relações sexuais com pessoas infectadas, sem a utilização de preservativos masculino ou feminino. A transmissão pode ocorrer por via oral, vaginal ou anal (BRASIL, 2017).

Na contemporaneidade, as ISTs configuram-se como grave problema de Saúde Pública. Elas constituem a segunda causa de maior procura por atendimento nos serviços, devido à sua magnitude e dificuldade de acesso e adesão ao tratamento adequado (PINTO et al., 2018).

No contexto epidemiológico, as mulheres possuem maior suscetibilidade à exposição às ISTs. Essa característica está associada a fatores sociais e indicadores de risco, como baixa estabilidade econômica, pouca escolaridade, condição conjugal instável, múltiplos parceiros, relações sexuais desprotegidas, sexo sob efeito de álcool e drogas (SILVA et al., 2021). Visto isso, torna-se imprescindível e impostergável levar o acesso à educação sexual às mulheres acerca das prevenção de ISTs.

Ademais, o tratamento é extremamente valioso, uma vez que ajuda a evitar o agravamento das infecções e alívio dos sintomas, além de prevenir a transmissão para outras pessoas. O tratamento depende da IST, tais como, gonorreia, cancro venéreo, sífilis são tratadas com o uso de antibióticos. Já as IST como HIV são tratadas com antirretrovirais. Assim, pode-se inferir que a descoberta antecipada de uma IST aumenta a eficácia do tratamento e melhora significativamente a eficácia do tratamento.

Assim, o presente manuscrito objetiva-se descrever os saberes de mulheres atendidas em um centro de referência a saúde da mulher, acerca das infecções sexualmente transmissíveis.

2. METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa, desenvolvida com 11 mulheres captadas em um centro de referência para a saúde da mulher, de um município da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Adotou-se os seguintes critérios de inclusão: ter, no mínimo, 12 anos (considerada como idade de início da adolescência, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente) (BRASIL, 1990). Não havia limitação de idade máxima. Não foram utilizados critérios de exclusão.

Os pesquisadores realizaram o convite no forma verbal, pessoal e individual para participação na pesquisa às mulheres que aguardavam atendimento no serviço. Os dados foram coletados no período de dezembro de 2020, a partir de entrevista semiestruturada e das técnicas de criatividade e sensibilidade (TCS) denominadas de “Almanaque” e “Corpo Saber”, em uma sala reservada da unidade, a fim de preservar o anonimato dos participantes.

O roteiro de entrevista dispunha de perguntas fechadas, que abrangiam os dados sociodemográficos relativos às participantes, os quais foram coletados para caracterizá-las; e perguntas abertas relacionadas ao objetivo da pesquisa. Para a elaboração deste trabalho, utilizou-se as seguintes perguntas: “Você acha que tem como tratar/curar uma infecção sexualmente transmissível?” “O que você sabe sobre os tratamentos para infecções sexualmente transmissíveis?”.

O material foi transcrito e sujeito à análise temática de conteúdo (MINAYO, 2014). Essa técnica se divide em três etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A pesquisa respeitou todos os aspectos éticos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em 10 de novembro de 2020, sendo registrado sob o número de parecer 4.390.633 e CAAE 39479720.0.0000.5323. Todas as participantes que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à caracterização das participantes, elas encontravam-se na faixa entre os 21 e 43 anos. A maioria das participantes possuía ensino médio incompleto. A maior parte delas era solteira e possuía pelo menos um filho.

As mulheres apresentavam saberes incipientes sobre o tratamento das ISTs, visto que nenhuma delas conseguiu argumentar com precisão sobre os tipos de terapêuticas disponíveis para cada infecção. Destarte, torna-se primordial que essa temática seja abordada pelos profissionais de saúde de forma clara e livre de julgamentos.

As participantes destacaram os antibióticos como estratégia eficaz no tratamento de todas as formas de ISTs. Sob esse aspecto, cabe destacar que, embora os tratamentos para o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) tenham evoluído nos últimos anos, infecções como a gonorreia e a clamídia estão se tornando intratáveis em decorrência da resistência aos antibióticos (FONTE et al., 2018). Fator que pode estar atrelado à automedicação e uso demais e sem orientação profissional de antibioticoterapia.

Ademais, faz-se necessário destacar que muitas entrevistadas acreditavam que o HIV pode ser tratado e curado. Estudo realizado por Nascimento, Barbosa e Vieira (2020), com mulheres privadas de liberdades, revelou resultado semelhante, uma vez que 88% das participantes também acreditavam que é possível curar-se do HIV. Esse achado reforça a necessidade de fomentar o diálogo sobre o tratamento do HIV, a qual é realizado para reduzir a morbidade e mortalidade e prevenir a transmissão do HIV para outras pessoas, porém não é eficaz para promover a cura.

Por fim, cabe destacar que ainda discute-se se o acesso às informações durante a adolescência poderia estimular a iniciação sexual. Nessa perspectiva, considera-se que o fato de jovens terem orientações sobre sexualidade e a utilização de métodos contraceptivos não tem influência direta sobre a decisão quanto ao início da atividade sexual, mas podem implicar de forma consciente para

que, quando iniciada a atividade sexual, esta ocorra de maneira protegida, diminuindo o número de gestações indesejadas e reduzindo a propagação de ISTs (SILVA et al., 2021). Com isso, a atuação dos profissionais de saúde é fundamental para a sensibilização e mudança de comportamentos da população acerca do tema. Além disso, considera-se que, quando orientada adequadamente, a população busca atendimento imediato, o que contribui na diminuição da vulnerabilidade e complicações decorrentes das ISTs, bem como no diagnóstico e tratamento em tempo oportuno (TERRA; SILVA, 2017).

4. CONCLUSÕES

Por meio dos achados deste estudo, pode-se concluir que é fundamental a atuação dos profissionais de saúde, em especial aqueles que atuam na atenção primária à saúde, no desenvolvimento de ações de educação em saúde, que contribuam para a disseminação de informações na população a respeito dos meios de contaminação e prevenção das IST. Essas estratégias podem contribuir na redução da incidência destes agravos e também contribuir para o diagnóstico e tratamento precoces.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em: 21 jun. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **O que são IST?** [Internet]. 2017 [cited 2021 Jul 17]. Available from: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>
- SHELDON, R. Morris. Cranco mole. University California San Diego, San Diego, 2018; Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt/casa/infec%C3%A7%C3%B5es/doen%C3%A7as-sexualmente-transmiss%C3%ADveis-dsts/cancro-mole>. Acessado em: 26 Jul 2021.
- SILVA, C. R. et al. Análise de conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis e uso de anticoncepcional por pacientes de uma Unidade Básica de Saúde da Capital do Estado de Rondônia. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 3, e6652, 2021.
- NASCIMENTO, J., BARBOSA, K., VIEIRA, M.. Abordando infecções sexualmente transmissíveis com mulheres reclusas: um relato de experiência. **Extramuros. Revista de Extensão da Univasf**, 2020.
- FONTE, V. R. F. et al. Young university students and the knowledge about sexually transmitted infections. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 22, n. 2, 2018.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco; 2014.
- PINTO, V. M. et al. Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 7, 2018.
- TERRA, A.A.A.; SILVA, G.A. Representando as ações preventivas das IST/Aids realizadas por enfermeiros na atenção básica. **Enfermagem Brasil**, v. 16, n. 5, p.1-8, 2017.